

Dança
10, 11 de outubro 2014

Hierarquia das Nuvens

de Rui Horta

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Culturgest



Direção, desenho de luzes, espaço cénico Rui Horta **Coreografia (em colaboração com os intérpretes)** Rui Horta
Intérpretes Filipa Peralinha, André Cabral, Teresa Alves da Silva, Luís Marrafa, Sylvia Rijmer, Phil Sanger, Silvia Bertocelli **Coordenação musical** Rui Lima e Sérgio Martins
Música de Miguel Lucas Mendes, Rui Lima e Sérgio Martins, Tiago Cerqueira, Vítor Joaquim, Minamo, Ben Frost, Ryuichi Sakamoto + Alva Noto **Figurinos** Rui Horta e intérpretes **Produção executiva** Sira Camacho **Direção técnica** Tiago Coelho **Técnico de som** Manuel Chambel **Difusão** Magda Bizarro e Rita Mendes **Coprodução** Centro Cultural Vila Flor, Hellerau/Europäisches Zentrum der Künste, Culturgest **Agradecimentos** Pro dança **Residências artísticas** O Espaço do Tempo (Montemor-o-Novo), Teatro Curvo Semedo (Montemor-o-Novo) **Estreia** 3 de outubro de 2014, Hellerau/Europäisches Zentrum der Künste, Dresden

O Espaço do Tempo é uma estrutura financiada pelo Governo de Portugal/Secretário de Estado da Cultura/Direção Geral das Artes e Câmara Municipal de Montemor-o-Novo

Na sexta-feira 10, após o espetáculo,
haverá uma conversa com os artistas na Sala 1.

Sex 10, sáb 11 de outubro
21h30 · Grande Auditório · Duração: 1h15 · M12

Vivemos sempre planeando um qualquer futuro que é bem mais panorâmico do que o lugar onde estamos. Uma linha para lá da qual raramente nos aventuramos, uma poética que nos fará naufragar, um erro que deitará tudo a perder ou tudo nos fará aprender.

Porque queremos sempre estar em outro lugar? A que hierarquia misteriosa obedecemos nos momentos de escolher? Porque nos erguemos sempre que caímos? Que código é esse que quebra os territórios do medo como um farol que ilumina no escuro?

A resposta escapa à narrativa e é habitada por uma poética que transcende a compreensão: o território mais puro da dança.

Chamei-lhe a *Hierarquia das Nuvens*.
Rui Horta

Porque queremos estar sempre em outro lugar?

6:00 da manhã, a caminho do aeroporto de Frankfurt. O meu jovem motorista turco que me conduz ao aeroporto, já tentou de tudo para meter conversa,... saudades da família, sabe? Sei. Mas o pior é a música... Uma versão techno-chunga de uma qualquer *boys band* a cantar num inglês incompreensível *baby, you're breaking my heart*. Já lhe pedi duas vezes que baixasse o volume. À terceira lá aquiesceu... Um corpo em Frankfurt e uma alma em Istambul.

Penso na minha profissão e neste privilégio que, como criadores temos, de conseguirmos a cada nova obra investir o espaço da cena e transformá-lo, habitá-lo e lhe emprestarmos uma nova identidade. O espaço que, de habitado, se transforma em lugar. Um lugar onde entramos a cada apagar de luz de público e da qual saímos após esta se acender, revelando um mundo real que, durante o tempo da obra coabitou temporalmente com esta.

Apaga-se a luz e lá vamos nós, para aquele espaço vazio, mas não ingénuo, expectante, como um lote de terreno à espera de ser ocupado por um edifício, um jardim, uma utopia talvez... Gosto particularmente do conceito de jardim. Uma floresta por nós domesticada, uma parcela do mundo onde tudo coabita, um lugar de perfeição, feliz e universal. Espaço selvagem domesticado. Homem/control freak. Poética.

Voltemos ao espaço. Porquê esta obsessão civilizacional de o controlar-mos, desde os primeiros tempos até

hoje? Território de caça, pólis ateniense, cidade medieval, renascentista, ou obsessão urbanística do séc. xx? Utopia transformada em espaços habitados, recheados de heterotopias variadas e redentoras, espaços de fuga, de recolhimento, de salvação, mas sempre com uma enorme carga simbólica, produtos da nossa incansável imaginação e onde o teatro se destaca como o mais esquizofrénico de todos eles. Porque é o espaço tão importante? Será porque este mesmo espaço já lá estava quando aqui chegámos? Se cada cultura se caracteriza pelas heterotopias que constrói, então o teatro é, provavelmente, a mais poderosa do nosso tempo.

No ar, algures entre Frankfurt e o Porto. No ar, a 11.000 metros, num espaço parado que me transporta a

toda a velocidade para outro lugar, um mundo parado em deslocação para um novo (aero)porto. Dois tempos vividos em simultâneo. O lugar do “entre”. Igualmente o tempo da experiência teatral. A suspensão da incredulidade, do tempo, e a expectativa do desfecho, do novo porto, da chegada.

Porto. Um outro motorista que me espera e que me pergunta: de onde venho / venho da Alemanha / lá é que eu queria estar / porquê? / ganhar bom dinheiro / isto aqui está mal / Eles é que sabem / Aquilo é frio mas é bom / tenho lá um primo. O corpo no Porto e a alma em Frankfurt.

Preparemo-nos então para habitar uma vez mais aquele lote vazio e dar-lhe uma alma. Transformá-lo em lugar.

Rui Horta



© Mariana Silva

© Hélder Cardoso



Rui Horta

Começou a dançar aos 17 anos nos cursos de bailado do Ballet Gulbenkian. Viveu vários anos em Nova Iorque, onde completou a sua formação e desenvolveu o seu percurso de intérprete e professor. Em 84 regressou a Lisboa onde continua a sua atividade pedagógica e artística. Nos anos 90 viveu na Alemanha onde dirigiu o Soap Dance Theatre Frankfurt, sendo o seu trabalho considerado uma referência na dança europeia e apresentado nos mais importantes teatros e festivais em todo o mundo. Em 2000 regressou a Portugal e fundou O Espaço do Tempo, um centro multidisciplinar de residência e experimentação artística. Para além do seu trabalho de criador independente, criou, como artista convidado, um vasto repertório para companhias como: Culberg Ballet, Ballet Gulbenkian, Grand Ballet de l’Opera de Genève, Ópera de Marselha, Netherlands Dance Theatre, Ópera de Gotemburgo, Companhia Nacional de Bailado, Random Dance, Carte Blanche, entre outras. Recebeu importantes

prémios e distinções: Grand Prix de Bagnolet, Bonnie Bird Award, Deutsche Produzent Preis, Prémio Acarte, Prémio Almada, Grau de Oficial da Ordem do Infante, Grau de Chevalier de l’Ordre des Arts et des Lettres. A sua criação coreográfica dos anos 90 foi recentemente classificada como Herança da Dança Alemã. Nas artes performativas o seu trabalho de encenador estende-se do teatro, à ópera e à música experimental, sendo igualmente desenhador de luzes e investigador multimédia, universo que utiliza frequentemente nas suas obras.



Rui Lima e Sérgio Martins

Rui Lima e Sérgio Martins nasceram no Porto em 1981 e 1982 respetivamente. Conheceram-se na Escola de Artes Soares dos Reis, ainda quando ambos tinham um percurso musical diferente. Rapidamente começaram a criar novos projetos com vídeo, fotografia e música com Joana Providência, Paulo Calatré, Inês Vicente, Alfredo Martins, Júnior Sampaio, João Garcia Miguel, Ana Luena (Teatro Bruto), Jorge Andrade

(Mala Voadora), Cristina Carvalhal, Rita Lello, Andresa Soares, Victor Hugo Pontes, Nuno Cardoso, Miira Sippola, Marco Ferreira, entre muitos outros, tendo apresentado o seu trabalho em países como Portugal, Espanha, França, Alemanha, Israel, Macedónia, Finlândia, Brasil e Rússia.

Como músicos/*performers* participaram em diversos projetos experimentais e são, presentemente, membros dos projetos musicais *M.Stad* e *Ekco Deck*.

Em cinema, fizeram a banda sonora original para o filme *Veneno Cura* dirigido por Raquel Freire (2007) e as curtas-metragens *Ausstieg* e *O amor é a solução para a falta de argumento* dirigidas por Jorge Quintela.



Filipa Peraltinha

Filipa Peraltinha é bailarina profissional, coreógrafa e professora de dança. Formou-se na ADC Setúbal, Portugal. No seu currículo contam instituições como Cullberg Ballet, Tok'Art, Luna Negra Dance Theater, ODE, CPBC e CNB. Teve a oportunidade de trabalhar com coreógrafos e mentores como Mats

Ek, Crystal Pite, Johan Inger, Alexander Ekman, André Mesquita, Gustavo Ramirez Sansano e Benoit Lachambre, entre outros. Desde 2009, é professora convidada em escolas e universidades de dança, bem como companhias profissionais na Suécia, Noruega, Estados Unidos, Alemanha, Canadá, Brasil e Portugal.



André Cabral

É bailarino profissional e professor de dança. Obteve a sua formação na Escola Superior de Dança em Lisboa e paralelamente trabalhando com mentores como Filipa Peraltinha e André Mesquita. A sua formação começou com *Hip-Hop*, estilo que ainda desenvolve e no qual fez inúmeras formações, *workshops* e aulas regulares com os professores e personalidades mais influentes, tanto a nível nacional como internacional. No seu percurso integrou a peça de teatro *A paixão de São Julião Hospitaleiro* encenada por António Pires, estagiou na Companhia Portuguesa de Bailado Contemporâneo – CPBC, sob a direção artística de Vasco

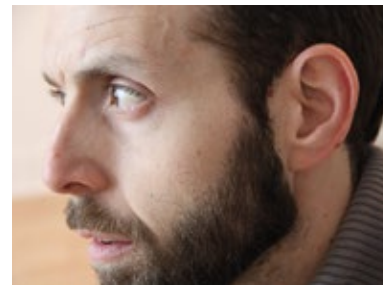
Wellenkamp, dançou na plataforma Tok'Art de André Mesquita na peça *you never know how things are going to come together* e atualmente integra a Companhia Clara Andermatt com a peça *Fica no Singelo*. Também coreografou um solo *Obabi/Chastisement* para o VIII Festival de Solos de Dança Contemporânea. Leciona regularmente *Hip-Hop* e dança contemporânea.

Teresa Alves da Silva

Teresa Alves da Silva fez formação na Academia de Dança Contemporânea de Setúbal. Foi bailarina principal na CeDeCe, no Ballet Gulbenkian e na Companhia Atterbaletto. Já trabalhou com alguns dos mais relevantes nomes nacionais e internacionais, entre os quais se destaca: Mats Ek (*Solo for Two*), Jiri Kylián, Ohad Naharin, Angelin Preljocaj, Didy Veldman, Mauro Bigonzetti, Stijn Celis, Rui Horta, Itzik Gaili, Jan Kodet, Paulo Ribeiro, Rodrigo Pederneiras, Vera Mantero e Miguel Moreira. Fundou com André Mesquita a TOKART onde é bailarina e diretora artística. Em 2009, foi premiada com



o 1.º Prémio de Interpretação como o solo *Lake* (André Mesquita), no 13.º International Solo-Tanz Theater (Estugarda). Em 2012 foi intérprete em *Estado de Exceção* (Rui Horta). Pela relevância do seu olhar analítico como assistente de coreografia e diretora de ensaios, em 2013 remontou a peça *See Blue Through* (Didy Veldman) para a Phoenix Dance Theatre. Presentemente integra o elenco de *Salto* (André Mesquita) e *Jim* (Paulo Ribeiro). A crítica tem inscrito o seu trabalho de interpretação como uma referência de grande expressão poética, sensibilidade e exímio rigor técnico.



Luís Marrafa

Luís Marrafa nasceu na Alemanha em 1975, viveu e estudou em Évora. Inspirado pelos trabalhos de Rui Horta, direcionou-se para a dança e obteve a licenciatura na Escola Superior de Dança em Lisboa. Trabalhou com a coreógrafa e bailarina belga Karine Ponties. É o cofundador da companhia de dança MARRAFA e do estúdio de dança StairCase.studio em Bruxelas.

Cria os seus próprios trabalhos como coreógrafo, intérprete e realizador salientando *Unstable, light night, escape, IIB, Untitled, Disquiet e ABSTAND*. Recebeu o prémio de Melhor Vídeo de Dança *IIB* no Festival Internacional de Dança em Almada, em 2009, e também o prémio de Melhor *Performance* com o vídeo-dança *Untitled* no Festival Internacional InShadow em Lisboa, em 2012. Foi recentemente nomeado pela SPA na categoria de Melhor Coreografia 2014 com a sua criação *ABSTAND*. Trabalha de forma intuitiva e é inspirado pelo interesse de culturas diferentes e experiências de vida.



Sylvia Rijmer

Sylvia Rijmer nasceu no Lagos, Nigéria, e tem nacionalidade japonesa e holandesa. Trabalhou com Stadttheater Giessen (Roberto Galván), Companhia DRIFT, Companhia POOL, Bern Ballet (Félix Dúmeril), Ballet Gulbenkian, Companhia Olga Roriz, Tok'art e Stage Works Rui Horta. Obteve um Bachelor of Fine Arts na Juilliard School, tendo trabalhado com Benjamin Harkarvy,

Jíri Kylián, Marie Chouinard, Gilles Jobin, Hervé Robbe, Didy Veldman, Örjan Andersson, Stijn Célis, Nils Christe, Jacopo Godani, Hans Knill, David Parsons e Paulo Ribeiro, entre outros. Sylvia é bailarina, professora de dança contemporânea e de investigação em movimento, e trabalhou com Olga Roriz como assistente de coreografia nas últimas três criações. É também cofundadora do Feedback Kolectiv – uma plataforma pluridisciplinar para jovens artistas.

Philip Sanger

Phil estudou na Northern School of Contemporary Dance (Reino Unido) e tem trabalhado, desde então, com vários coreógrafos internacionais, tais como Charlotte Vincent, Kim Branstrup, Hofesh Shechter, Ivgi & Greben, Richard Alston, Darshan Singh Bhuller, Richard Wherlock, Ana Sanchez, Warren Adams e Isira Makuloluwe. Trabalhou com a Shobana Jeyasingh Dance Company e ao longo da sua carreira de *performer* tem mantido a prática criativa com fundos do Arts



Council of England, o que permitiu colaborações e investigação criativa nos campos da *performance*. O seu trabalho mais recente foi com o Phoenix Dance Theatre.



Silvia Bertoncelli

A sua formação em ballet e dança contemporânea é muito variada, uma vez que a obteve em Verona, Bruxelas e Paris. Em 2002, entrou na Academia Isola Danza, em Veneza, dirigida por Carolyn Carlson. Dançou em várias companhias: Compagnia Naturalis Labor, Compagnia Ersiliandanza, Compagnia Arearea, Compagnia Lubbert Das, Cie Blicke, Compagnia Abbondanza Bertoni, Cie Lanabel. Desde 2003 que apresenta os seus trabalhos como coreógrafa em festivais italianos e internacionais, tendo recebido um prémio no aclamado Choreographic Contest em Rovereto, durante o Festival Oriente Ocidente. Desde 2010 colabora com Rui Horta, tendo já participado em *As Lágrimas de Saladino*, no solo *Danza Preparata e Multiplex*.

Próximas apresentações

de *Hierarquia das Nuvens*:

18 de outubro de 2014, Centro Cultural

Vila Flor, Guimarães

24 de outubro de 2014, Teatro Virgínia,
Torres Novas

25 de outubro de 2014, Quartel das
Artes, Oliveira do Bairro

1 e 2 de novembro de 2014, Teatro
Principal, Zaragoza

8 de novembro de 2014, Cine-Teatro
Curvo Semedo, Montemor-o-Novo

22 de novembro de 2014, Teatro Paco
Rabal, Madrid

Difusão Rui Horta:

Magda Bizarro e Rita Sousa,

difusaoruihorta@gmail.com

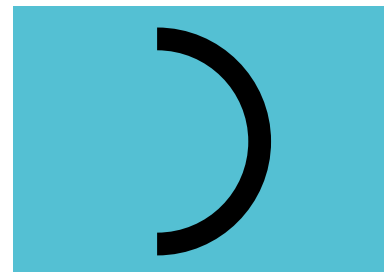
oespacodotempo.pt

A seguir

Doclisboa 2014

12º Festival Internacional de Cinema

Cinema De qui 16 a dom 26 de outubro
Grande e Pequeno Auditórios · 11h-23h



O programa do festival está disponível em www.doclisboa.org

Próximo espetáculo de dança

Mirage

Miragem Um solo
de Ann Papoulis Adamovic

Dança Sex 14, sáb 15 de novembro
Grande Auditório · 21h30 · Duração
prevista: 1h · M12



Ann Papoulis Adamovic criou e dançou solos em Nova Iorque e na Europa e coreografou para companhias de dança na Dinamarca, Croácia, Eslovénia e França. Foi professora no Merce Cunningham Studio e deu aulas de técnica Cunningham nas companhias da Ópera de Lyon, Philippe Decouflé, Angelin Preljocaj, Rosas e Wim Vandekeybus, entre outras, e em escolas de dança e teatro em numerosos países. *O solo Mirage transmite, através de dança, música e filme, reflexões fragmentadas sobre as trevas do nosso tempo e a busca da beleza para combater essas trevas.*

Ann Papoulis Adamovic

Mais informações em www.culturgest.pt

Conselho de Administração

Presidente

Álvaro do Nascimento

Administradores

Miguel Lobo Antunes

Margarida Ferraz

Assessores

Dança

Gil Mendo

Teatro

Francisco Frazão

Arte Contemporânea

Miguel Wandschneider

Serviço Educativo

Raquel dos Santos Arada

Pietra Fraga

Alice Neiva

Direção de Produção

Margarida Mota

Produção e Secretariado

Patrícia Blázquez

Mariana Cardoso

de Lemos

Jorge Epifânio

Exposições

Coordenação de Produção

Mário Valente

Produção

António Sequeira Lopes

Paula Tavares dos Santos

Fernando Teixeira

Culturgest Porto

Susana Sameiro

Comunicação

Filipe Folhadela Moreira

Publicações

Marta Cardoso

Rosário Sousa Machado

Atividades Comerciais

Catarina Carmona

Patrícia Blázquez

Serviços Administrativos e Financeiros

Cristina Ribeiro

Paulo Silva

Teresa Figueiredo

Direção Técnica

Paulo Prata Ramos

Direção de Cena e Luzes

Horácio Fernandes

Assistente de Direção Cenotécnica

José Manuel Rodrigues

Audiovisuais

Américo Firmino

(coordenador)

Ricardo Guerreiro

Suse Fernandes

Iluminação de Cena

Fernando Ricardo (chefe)

Vítor Pinto

Maquinaria de Cena

Nuno Alves (chefe)

Artur Brandão

Técnico Auxiliar

Vasco Branco

Frente de Casa

Rute Sousa

Bilheteira

Manuela Fialho

Edgar Andrade

Clara Troni

Receção

Sofia Fernandes

Auxiliar Administrativo

Nuno Cunha

Coleção da Caixa Geral de Depósitos

Isabel Corte-Real

Inês Costa Dias

Maria Manuel Conceição

Edifício Sede da CGD

Rua Arco do Cego, 1000-300 Lisboa, Piso 1

Tel: 21 790 51 55 · Fax: 21 848 39 03

culturgest@gcd.pt · www.culturgest.pt

Culturgest, uma casa do mundo
